

## “O LIVRO DE AREIA” E AS POSSIBILIDADES INFINITAS DE LEITURA DE UM TEXTO

Eliane Aparecida Bacocina<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta, a partir do conto “O Livro de Areia” (BORGES, 1999), uma reflexão sobre a leitura e suas múltiplas possibilidades de interpretação. A partir do ponto de vista da invenção e de considerações de autores como Bakhtin (1926), Certeau (1994) e Larrosa (2002), é lançada a questão: “Para quantos lugares diferentes a leitura de um texto pode levar um leitor?”

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura – multiplicidade - Borges

**ABSTRACT:** *This article presents, starting from the story "The book of Sand" (BORGES, 1999), a reflection about reading and its multiple interpretation possibilities. Starting from the point of view of invention and considerations of authors such as Bakhtin (1926), Certeau (1994) and Larrosa (2002), the question is thrown: "To how many different places the reading of a text may take a reader?"*

**KEYWORDS:** *reading – multiplicity - Borges*

*“A linha consta de um número infinito de pontos; o volume, de um número infinito de planos; o hipervolume, de um número infinito de volumes...” (BORGES, 1999, p. 79).*

*“Faz alguns meses, ao entardecer, ouvi uma batida na porta. Abri e entrou um desconhecido (...) de traços mal conformados.” (BORGES, 1999, p. 79).*

Borges, em um conto intitulado *O Livro de Areia* nos apresenta a um personagem que compra um livro de um vendedor de Bíblias, um desconhecido que bate à sua porta. Compra sem

---

Mestre em Educação pela UNESP de Rio Claro e professora das disciplinas: Metodologia da Alfabetização e Linguagem Oral e Escrita em Educação, na FALS.

um objetivo determinado, diante da insistência do vendedor, que aparece em sua casa. Porém, ao abri-lo, descobre um livro misterioso, sem início, sem final, sem seqüência, que não transmite uma única mensagem, mas que, a cada olhar, abre novas perspectivas, novas possibilidades de leitura. Comparamos, neste artigo, a leitura de um texto, literário ou não, à experiência vivida pelo personagem do conto, que descobre o prazer de viajar por entre diferentes mundos, algumas vezes a um mundo particular, outras para mundos nunca antes imaginados.

Uma primeira questão que fazemos é: De quem é o livro que o personagem comprou? De quem o escreveu? De quem o imprimiu? De quem o vendeu? Naquele momento, aquele é o seu livro de areia. Ali estão os seus mistérios, que ora o surpreendem, ora o confundem, ora o amedrontam, ora o inquietam...

Será?

E as outras pessoas que com ele tiverem contato, como o verão?

Certamente, surgirão múltiplos olhares, múltiplas leituras... E, então, neste momento, este será o livro de cada uma delas.

Assim como, em alguma época, misteriosamente, Borges cria um personagem que paga caro por um livro de areia, e passa noites sem dormir tentando decifrá-lo; muitos autores passaram dias criando obras literárias, obras de arte, ou mesmo textos íntimos, como diários, poesias; ilusoriamente as suas obras, mas, de certa forma, também obras de areia. E assim criaram, ao longo da história da humanidade, livros de areia, em forma de livros, obras de arte em letras, imagens, esculturas. Obras que retrataram épocas, lugares, vidas... No momento da criação, as suas épocas, os seus lugares, as suas vidas, que, ao serem lidas, se tornaram múltiplas, transformando-se na época, no lugar, na vida de cada leitor.

Em 2003, numa sala de aula de EJA, onde dezesseis adultos tomavam contato com a escola, ou a ela retornavam, foram levados alguns desses “livros de areia” em forma de textos, imagens ou poesias, para que, a partir das múltiplas leituras possíveis, eles pudessem abrir seus horizontes, ampliando também os horizontes de suas vidas. E dessa forma, encontrando caminhos para aprender a ler e a escrever. Naquele momento, aquelas não eram mais as obras dos pintores, nem das pessoas a quem foram destinadas, mas sim, de cada um deles.

Essa experiência constitui uma dissertação de Mestrado (BACOCINA, 2007) na qual, na tentativa de entrecruzar saberes de educandos e educadoras que freqüentam e atuam na Educação de Jovens e Adultos, foram utilizadas como materiais de leitura, imagens produzidas por diferentes autores, para tornar possível a quem as lesse, lançar um olhar sobre os atos de aprender, ensinar e inventar.

Em um dos capítulos dessa dissertação, intitulado: “Obras de arte... livros de areia... objetos portadores de leituras infinitas...”, procuramos estabelecer uma relação entre a obra de arte e a linguagem, amparada pelas ideias de pesquisadores como Marin, Foucault e Bakhtin. Diante da leitura da própria obra, enquanto constroem seus textos, entre materiais de escrita e pintura, autores, poetas e pintores se encantam, reconhecem ali, na obra em processo, significados próprios.

## **1. A LINGUAGEM E AS POSSIBILIDADES DE LEITURA: SOBRE A INVENÇÃO**

*“O número de páginas deste livro é infinito. Nenhuma é a primeira, nenhuma, a última.” (BORGES, 1999; 81)*

Diante da leitura do livro de areia, Borges se assusta, julgando-o monstruoso, pois reconhece nele símbolos que o surpreendem. Acostumado a ler verdades, percebe que, em diferentes momentos em que a mesma página se abre, diferentes leituras surgem.

E, diante da leitura das obras, dadas a ler durante as aulas do semestre, os alunos da pesquisa acima relatada, têm reações iniciais diversas: alguns consideram estranha a presença delas em aulas nas quais deveriam estar apenas escrevendo as letras e palavras, outros, menos resistentes, acham incrível que, em pinturas e escritos realizados há tantos anos, encontrem-se possibilidades de ler o próprio mundo. Aos poucos, começam a relembrar momentos, lugares, encontrando oportunidades para observar-se a si e ao mundo de outras formas. Ali, naquele momento, a partir de leituras de areia, sem início, sem final, e, apesar da seqüência definida pela professora / pesquisadora que elegeu as obras entre tantas opções de escolha, com seqüências múltiplas.

Em 2006, outros leitores foram convidados a apreciar livros de areia em forma de imagens. Desta vez, educadoras que trabalham na Educação de Jovens e Adultos. Assim como ocorreu com os alunos, diante delas estavam obras criadas por diversos autores e pintores, alguns deles famosos e conhecidos mundialmente; outros, artistas anônimos, pessoas ordinárias, alunos da EJA, portanto, muitos semelhantes a seus alunos.

Michel de Certeau, em *A invenção do Cotidiano* (1994), reconhece o lugar do leitor na leitura e na criação do texto, e o compara a um inventor. Ele “não toma o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a “intenção” deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações” (CERTEAU, 1994; 264-265).

Convém ressaltar aqui o momento do conto “O livro de areia” em que o personagem Borges tomou contato com o tal livro, respondendo a uma batida na porta e abrindo-a para um “desconhecido, de traços mal conformados.”

O personagem abre-se, então, para o desconhecido. Não é por acaso que a leitura é definida como “uma operação de caça”, “uma atividade desconhecida” por Certeau, e também por Larrosa, que, em um dos capítulos de seu livro *Nietzsche e a Educação* (2002), convida o leitor a “ler em direção ao desconhecido”, diante do qual se pode dançar. Ler é definido por ele como algo infinito, tal como o *Livro de Areia*.

Tal ideia, a nosso ver, desconstrói a visão que, freqüentemente, se tem de leitura, como algo pronto, acabado, fragmentado, que se deve aprender, e se realiza, passo a passo: letra por letra, palavra por palavra e apresenta uma única leitura possível. A leitura é definida tal como Borges define o desconhecido, com “traços mal conformados”

Em meio a esses traços, o ser humano que lê inventa suas próprias formas de atribuir sentido à leitura, enquanto ser de invenção que é, como aponta Larrosa em seu livro *Nietzsche e a Educação* (2002c):

O homem é um animal de invenção, e as diferentes formas de consciência não são senão produtos dessa função inventiva, dessa capacidade de invenção [...] produtora de novidade, de intensidade, criadora de possibilidade de vida. [...]

Uma invenção, não obstante, que não se pensa a partir da perspectiva da liberdade criadora do gênio, da soberania de um sujeito capaz de criar a si próprio, mas a partir da perspectiva da experiência. [...] E a experiência é o que nos passa e o modo como nos colocamos em jogo, nós mesmos, no que se passa conosco (LARROSA, 2002c, p. 66-67).

Com Larrosa, essa proposição de invenção passa significativamente pela experiência da leitura (1996) e passa pelo debruçar-se em busca de possibilidades em ideias caídas como indica a palavra formação, definida como “uma aventura que não está normatizada por nenhum objetivo predeterminado, por nenhuma meta” (2002c, p. 67), constituindo, portanto, algo a ser elaborado, construído. Esse caminho não é um caminho previsível, mas que segue por entre rumos indeterminados e repletos de curvas e mistérios.

Mas, afinal, qual seria o mistério do Livro de Areia?

Não sabemos se existe alguma ligação, mas há algo, a nosso ver, bastante enigmático nesse livro:

“Seu possuidor não sabia ler” (BORGES, 1999, p. 80).

Mas, o que ele lia naquele livro?

E o que o livro o levava a ler?

Os alunos adultos, com os quais desenvolvemos nossa pesquisa, também afirmavam o tempo todo não saber ler. Julgavam-se incapazes. Mas, o que eles liam nas obras a eles oferecidas? Suas leituras revelaram muito de criação, de emoção, de consciência social e política. E, no momento em que experienciavam a leitura, cada um deles se fazia autor / inventor das obras que contemplava. Revelavam-se, nesse sentido, ricos e profundos leitores. Mas, muitos deles, não se davam conta disso. Talvez, devido à forma como sempre foram vistos.

“Como o autor sente seu ouvinte?” (BAKHTIN, 1926). Acreditamos ser essa pergunta uma preciosa chave na compreensão do processo de leitura.

Como cada autor vê, sente, imagina seu leitor? Será que ele o imagina?

Como os alunos, da Educação de Jovens e Adultos, se sentem vistos, e ouvidos?

Como os professores imaginam seus alunos?

E os professores, são vistos e ouvidos? De que forma?

E, no que diz respeito à interlocução proposta na pesquisa realizada entre professores e alunos, no momento em que olhares se cruzam, o que pode mudar? O que pode permanecer? O que pode se transformar? Como a arte da leitura vem a se realizar?

Acreditamos que compartilhar leituras seja uma forma de valorizar a multiplicidade e os diferentes olhares que se pode lançar a uma obra, como reconhece Bakhtin, ao considerar o papel do contemplador no ato de criação, a quem denomina ouvinte. E, para ele, “nada é mais perigoso para a estética do que ignorar o papel autônomo do ouvinte” (BAKHTIN, 1926). Sua teoria a respeito do discurso na arte contempla a existência de três personagens: o autor [no caso, quem criou a obra], o ouvinte [quem a lê ou a contempla] e o herói [de quem se fala, ou a quem se refere a obra].

Nesse sentido, atribui à arte, um papel “imanentemente social; o meio social extra-artístico, afetando de fora a arte, encontra resposta direta e intrínseca dentro dela.” (BAKHTIN, 1926). Dessa forma, sem o meio social, o caráter valorativo da arte, enquanto arte, inexistente:

Uma obra de arte, vista do lado de fora desta comunicação e independente dela, é simplesmente um artefato físico ou um exercício lingüístico. Ela se torna arte apenas no processo de interação entre criador e contemplador, como o fator essencial nessa interação. Qualquer coisa no material de uma obra de arte que não pode participar da comunicação entre criador e contemplador, que não pode se tornar o “médium”, o meio de sua comunicação, não pode igualmente ser o recipiente de valor artístico (BAKHTIN, 1926).

## **2. ENSINAR A LER: COMPARTILHAR LUGARES A QUE A LEITURA DE UM TEXTO PODE LEVAR UM LEITOR...**

*“Todos os livros ainda estão para serem lidos e suas leituras possíveis são múltiplas e infinitas; o mundo está para ser lido de outras formas; nós mesmos ainda não fomos lidos” (LARROSA, 2002c).*

Encerramos com uma questão: Será possível ensinar a leitura? Da forma como muitos imaginam, como uma série de significados a serem transmitidos como verdade, provavelmente não. Afinal, como ensinar o desconhecido? De acordo com Larrosa:

Se o ensinar é dar um saber já elaborado, aquele que ensina a ler não dá nada porque o texto não dá nada que, como o saber, possa ser armazenado e apropriado. O texto só deixa escrever. Ensinar a ler é produzir esse deixar escrever, a possibilidade de novas palavras, de palavras não pré-escritas. Porque deixar escrever não é apenas permitir escrever, mas estender e alargar o que pode ser escrito, prolongar o escrevível. A leitura torna-se assim, no escrever, uma tarefa aberta, na qual os textos lidos são despedaçados, recortados, citados, in-citados e ex-citados, traídos e transpostos, entremesclados com outras letras, com outras palavras. Os textos são entremeados com outros textos. Por isso, o diálogo da leitura tem a forma de um tecido que constantemente se destece e se tece de novo, isso é, de um texto múltiplo e infinito. (LARROSA, 1998, p. 146).

Ao falar sobre o mistério da leitura, Larrosa parece falar diretamente aos que pensam que a leitura precisa de um método, quando afirma:

O essencial não é ter um método para ler bem, mas saber ler, isso é: saber rir, saber dançar e saber jogar, saber interiorizar-se jovialmente por territórios inexplorados, saber produzir sentidos novos e múltiplos. A única coisa que pode fazer um mestre de leitura é mostrar que a leitura é uma arte livre e infinita (LARROSA, 2002, p. 27).

Também Vigotski tem sua visão a respeito, ao referir-se à arte. Para ele “ensinar o ato criador da arte é impossível, entretanto, isto não significa, em absoluto, que o educador não pode contribuir para a sua formação e manifestação.” (VIGOTSKI, 2001, p. 325). E questiona: “Quem ignora que a obra de arte age de modo absolutamente diverso sobre diferentes pessoas e pode acarretar resultados e conseqüências inteiramente diversas?” (VIGOTSKI, 2001, p. 322)

Em meio a essa diversidade, para muitos a arte da leitura é vista como um programa a ser ensinado, no qual apenas o escritor [e no caso do ensino, o professor] possui o verdadeiro olhar. Para Bakhtin, o leitor participa do processo de criação da obra, a cada palavra lida, passando a fazer parte dela. Para Borges, as reações com o objeto de leitura são turbulentas, às vezes o livro é visto como um “objeto de pesadelo”, outras, como um “tesouro”. Também para os alunos adultos, as reações à arte foram múltiplas, assim como os modos de lê-las, de observá-las, de acordo com os sentimentos de cada um. E para Vigotski, “a arte exige resposta, motiva certos atos e atitudes” (VIGOTSKI, 2001, p. 318), assim como a leitura.

Tomando como exemplo Borges, o livro o motiva a algumas atitudes: noites em claro, inquietação para contar as páginas e decifrar o enigma.

E fico pensando: por que ele abandona o livro? Teria superado o sentimento de pesadelo, teria sido vitorioso sobre seus mistérios?

Para Vigotski, se faz necessário “o ato criador de superação desse sentimento, da sua solução, da vitória sobre ele, e só então esse ato aparece, só então a arte se realiza.”(VIGOTSKI, 2001, p. 314)

Terá a arte, finalmente, se realizado para ele, por isso não necessitava mais do livro?

Talvez não, pois mesmo após deixar o livro abandonado na biblioteca, Borges evita passar por aquela rua.

Observando os resultados da pesquisa a que nos referimos, pudemos observar que, em alguns momentos, no processo de vivificar obras de arte criadas há tanto tempo por artistas, as imagens levam os sujeitos para situações vividas. Uma das professoras, de nome fictício Marina, em um encontro em que foi proposta uma atividade artística após a observação de uma imagem e a escuta de uma música, desenhou e revisitou um lugar para o qual já viajou. Em outros alguns casos tornou-se possível reviver momentos de outras formas, pensando que poderia ser diferente.

Tornou-se possível, pela arte, pensar o não pensado, viver o não vivido, imaginar, criar e recriar situações. Foi possível durante a mesma atividade, como ocorreu a Milena, outra professora participante da pesquisa, a sensação de desabrochar a si mesma e aventurar-se num parque de diversões. A partir de imagens desenhadas, o grupo pôde discutir questões vividas no dia-a-dia e imaginar como elas poderiam ser. E ao deparar-se com as visões e produções dos alunos, o quanto foi possível aprender... Transcrevemos abaixo uma fala de uma professora ao se descrever a si mesma como educadora:

- [...] se eu me desenhar como educadora, eu vou me desenhar sentada ao lado de alguém, e conversando com alguém mesmo. Não seria nada como ensinar através de códigos, nada disso. Acho que é através da comunicação mesmo que a gente está aprendendo, e eu me vejo aprendendo diariamente, e não é na situação de sala de aula e professor-aluno. É assim, em contato com as pessoas mesmo. Acho que eu ia desenhar como educadora sentada aqui conversando. (Marina, 21/05/2006).

Vemos aqui a ideia de ensinar como algo a compartilhar. Também Larrosa vê o ato de ensinar de forma semelhante, portanto, como uma tarefa complexa, que não envolve ensinar simplesmente, mas se assemelha à criação de uma obra de arte, um livro de areia que, a cada abertura, tem algo diferente a revelar... Envolve um ensinar aprendendo, criando, inventando sentidos para a existência...

[...] ensinar a ler não é opor um saber contra outro saber (o saber do professor contra o saber do aluno ainda insuficiente), mas é colocar uma experiência junto a outra experiência. [...] Deixar aprender não é um nada fazer, senão que é um fazer muito mais difícil e muito mais exigente do que ensinar o que já se sabe. É um fazer que requer humildade e silêncio. Mas que também exige audácia e falar alto, porque para deixar aprender tem-se de eliminar muitos obstáculos. Entre eles, a arrogância daqueles que sabem. (LARROSA, 2002a, p. 152)

Ensinar a ler pode ser, portanto, “deixar ler”, compartilhando experiências de viagem, trocando olhares e inventando imagens do ato de ler, ensinar e aprender.

### **Referências:**

- BACOCINA, E.A. *Leituras de mundo, saberes e modos de existência de educandos e educadores: contribuição para a invenção de modos de aprender e ler*. 151 f. Dissertação (Mestrado). Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2007.
- BAKHTIN, M. M. e VOLOSHINOV, V.N. *Discurso na Vida e Discurso na Arte*, Revista Zvezda número 6, 1926. Tradução Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Número 6, 1926.
- BORGES, J.L. O livro de areia. In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. vol. 3. São Paulo: Globo, 1999.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, M. Las meninas. In: *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- GÊNIOS da Pintura. São Paulo: Abril Cultural, 1969. 8 v.
- LARROSA, J. Literatura, experiência e formação: uma entrevista com Jorge Larrosa. In: Costa, M. V. (Org.). *Caminhos investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. Jan/fev/mar/abr, 2002b.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002c.

\_\_\_\_\_. Sobre a lição. In: *Pedagogia Profana*. Porto Alegre: Autêntica, 1998. pp. 139-146.

MARIN, L. Ler um quadro. In: CHARTIER, R. (org.) *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.